

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Trânsitos, trajetos e circulação dos jovens na cidade.

Livia De Tommasi.

Cita:

Livia De Tommasi (2009). *Trânsitos, trajetos e circulação dos jovens na cidade*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1844>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Trânsitos, trajetos e circulação dos jovens na cidade

Livia De Tommasi¹

¹Professora no programa de Mestrado da FEBF/UERJ – lilli@uol.com.br

Durante as manifestações contra o G-8 em Genova, em 2001, um jovem, Carlo Giuliani, foi morto pela polícia. A mídia tentou logo etiquetá-lo como: jovem drogado, morador de rua, anarquista, freqüentador de grupos de igreja etc. Carlo era tudo isso e mais um pouco, freqüentava os círculos anarquistas e a igreja onde ia jogar totó, os amigos 'punk a bestia' que moravam na rua, os bares do centro onde compartilhava suas poesias e tomava *methadone* para se desintoxicar da heroína. Finalmente, seus amigos permitiram colocar em cima do féretro, no dia do enterro, somente a bandeira da "Roma", seu time de futebol.

Circulação, *attraversamenti*, cruzamentos das fronteiras, encontros das esquinas ... desterritorialização, quebra das molduras ... superação do pensamento binário ... fluxo ... nomadismo.

È a partir de um fato, ou melhor, de um acontecimento, da tentativa de entender o significado de um gesto, que se desvelam outras possibilidades de nomear, de colocar em foco as vivências juvenis.

Falando de jovens parece ter se tornado "natural" ficar amarrados às representações binárias: jovens problema – jovens solução; jovens violentos - jovens rebeldes; jovens apáticos - jovens protagonistas. Ou, também, jovens estudantes - jovens trabalhadores; jovens de projeto - jovens em conflito com a lei. Fugir dessas representações é, portanto, tarefa obrigatória da reflexão crítica.

Os tempos do cotidiano juvenil são descritos geralmente como tempos separados: há o tempo do trabalho, o tempo do lazer, o tempo do estudo, o tempo dos amigos, o tempo da militância, o tempo da família, o tempo do namoro. Essas fronteiras circunscrevem, também, os objetos de estudo. Assim, analisa-se a relação dos jovens com a escola, ou o envolvimento com a violência, ou as problemáticas dos jovens trabalhadores, ou as formas de expressão (culturas) juvenis.

Os tradicionais estudos sobre a transição para a vida adulta focalizam também somente alguns eventos das biografias: a saída da escola, o ingresso no mercado de trabalho, a formação da família própria; mesmo assim, mostram como esses eventos deixaram de ser definitivos, contíguos e progressivos (Camarano, 2006). No lugar dessas leituras que separam, encaixam, isolam, classificam, esse texto

propõe esboçar² uma análise para indagar vivências e experiências em movimento, acompanhando os trânsitos, os cruzamentos de fronteiras, a circulação entre os espaços e tempos, tendo a cidade como cenário e lugar da experiência e da experimentação³.

O cenário da cidade emerge com força como lugar das vivências juvenis, colocando a necessidade de uma mudança do olhar: não mais o local como território estanque, e sim a circulação e o deslocamento entre diferentes espaços, entre centro e periferia, entre múltiplas experiências, vivências, sociabilidades (Magnani & Souza, 2007); não mais a contraposição entre violência, criminalidade, ilegalidade por um lado, e “normalidade”, legalidade e “boa conduta” pelo outro, e sim um território poroso onde as indeterminações (Oliveira, 2007) as ambivalências (Bauman, 1999), os trânsitos entre legal e ilegal, lícito e ilícito, constituem as experiências cotidianas da juventude moradora das periferias (Telles & Cabanes, 2006); não mais a separação entre tempos (tempo do lazer, tempo do trabalho, tempo da formação, tempo da política) e espaços (centro e periferia, local e global, próximo e distante) e sim a circulação, o vai e vem, o atravessamento dos confins, o imbricamento das experiências (Tommasi 2007)⁴.

Introduzindo a dimensão da cidade na análise da condição juvenil é possível captar e figurar as mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas nos últimos decênios, conseqüências da desregulação neoliberal, da globalização, da financeirização da economia, da revolução tecnológica. Ou seja, falar de juventude é também falar de seu entorno, dos territórios e dos tempos em que os jovens se movimentam. Do espaço urbano e de suas idiossincrasias.

Observando desse ângulo, do ângulo da cidade, é possível perceber de forma mais clara o entrelaçamento das diferentes dimensões da vida dos jovens, e também a necessidade de construir novas categorias analíticas, utilizar novas palavras, novas figuras do discurso, para nomear os acontecimentos do presente: fluxo, trajetória, trama, mobilidade, nomadismo, nos ajudam mais a entender o mundo de hoje do que as categorias fixas, as separações e divisões, as classificações e o fechamento em “caixinhas” identitárias (Melucci, 2000).

O espaço urbano é o espaço da pobreza, do desemprego, da precariedade, da violência. E é também o espaço das oportunidades, da circulação entre mundos diferentes, dos contrastes entre o hipermoderno e o atraso, a tecnologia de ponta e a “gambiarra”; espaço das ambivalências, das possibilidades e dos bloqueios.

Como observa Vera Telles, mesmo os bairros mais periféricos da cidade não podem ser compreendidos apenas a partir da falta de oportunidades e da precariedade. São territórios em constante transformação. Famílias alteram suas casas a partir da autoconstrução; o poder público, ainda que de maneira

²Esse texto não é fruto de uma pesquisa acabada, e sim de reflexões e observações que venho amadurecendo ao longo da minha trajetória de pesquisa e intervenção. Trata-se, justamente, de esboçar um novo olhar sobre a temática, que oriente futuras pesquisas.

³ Por uma análise da centralidade da experimentação nas vivências juvenis reenvio a La Mendola, 1999.

⁴ O sociólogo francês Alain Tarrus fala, em sua busca de um novo léxico para uma “Antropologia do movimento”, de Territórios Circulatórios (Tarrus, 2000).

intermitente e precária, altera os trajetos de ruas e de pontes, e novos centros de consumo, como os *shopping centers*, provocam mudanças significativas nas formas da sociabilidade, nos circuitos econômicos e culturais da periferia.

No Brasil, há uma tradição importante de estudos de sociologia urbana, que ajudaram a pensar o espaço da cidade e a vivência dos atores individuais e coletivos nesse espaço. A socióloga Vera Telles percorre, num texto recente, a história desses estudos, procurando construir novos horizontes e sentidos para compreender as transformações atuais. “Se antes a questão urbana era definida sob a perspectiva (e promessa) do progresso, da mudança social e do desenvolvimento (anos 69/70) e, depois, da construção democrática e da universalização dos direitos (anos 80), agora os horizontes estão mais encolhidos, o debate é, em grande parte, conjugado no presente imediato das urgências do momento, os problemas urbanos tendem a deslizar e a se confundir com a gestão urbana e a pesquisa social parece em grande parte pautada pelos imperativos de um pragmatismo gestor das políticas sociais voltadas às versões brasileiras dos *quartiers difficiles*” (Telles & Cabanes, 2006, p. 14).

Na atualidade, as divisões sociais e espaciais da “cidade fordista”, com suas polaridades bem demarcadas entre centro e periferia, trabalho e moradia, mercado formal e informal, ficaram embaralhadas.

O texto de Vera Telles não enfoca especificamente o universo juvenil, não é um estudo sobre a juventude nas periferias; mas, como ela escreve: “São, sobretudo os jovens personagens dessas histórias que podem nos informar alguma coisa sobre os vetores e as linhas de força que desestabilizam campos sociais prévios, que redefinem os pólos de gravitação da geração anterior (...), deslocam suas fronteiras e também traçam as linhas que desenham as novas figuras da tragédia social (...). É seguindo as trilhas dos mais jovens que vão se delineando os perfis ambivalentes da modernidade globalizada, uma experiência social que vai se configurando nos limiares e nas passagens entre mundos distintos, entre o universo empobrecido da periferia e os *shopping centers* e os lugares prestigiosos de consumo e lazer (...), os baixos empregos do terciário moderno e os circuitos do trabalho precário que tangenciam os fluxos da riqueza plasmados nos espaços urbanos (...) É aqui que vai se armando uma teia de relações (e tensões) que escapa de definições modelares ditas de exclusão social ou segregação urbana” (Idem, p. 20).

Esse embaralhamento repercute sobre as categorias usadas para fazer a leitura da realidade urbana. Território, por exemplo, e ainda mais “comunidade”, são conceitos que não servem mais para descrever o espaço urbano e suas dinâmicas; **circuitos, trajetos, redes, fronteiras, errância**, são termos mais adequados para descrever as conexões, as zonas de contigüidades, as experiências dos jovens no espaço da cidade. Como diz Alberto Melucci, as profundas mudanças ocorridas na sociedade globalizada requerem inventar novas formas para nomear o presente. Hoje, as “palavras chaves” são outras (Melucci, 2000).

Assim, o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani deu novo significado às palavras ‘pedaço’ e ‘mancha’, utilizando-as para descrever o espaço criado pelas interações dos atores e, sucessivamente, agregou o uso dos termos ‘trajeto’ e ‘circuito’. “*Pedaço* designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações informais e individualizadas impostas pela sociedade. *Manchas* são áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam (...) uma atividade ou prática predominante (...) A qualquer momento, os membros de um *pedaço* podem eleger outro espaço como ponto de referência e lugar de encontro. A *mancha*, ao contrário, resultado da relação que diversos estabelecimentos e equipamentos guardam entre si, e que é motivo da afluência de seus freqüentadores, está mais ancorada na paisagem do que nos seus eventuais usuários (...) Enquanto o *pedaço* remete a um território que funciona como ponto de referência (...), *trajeto* aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das *manchas* urbanas. É a extensão e, principalmente, a diversidade do espaço urbano para além do bairro, que impõem a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas. Com relação a *circuito*, trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais” (Magnani & Souza, 2007, pp. 20-21).

Aplicando essas categorias analíticas, Magnani e sua equipe de pesquisadores investigaram os circuitos de lazer, encontro e sociabilidade dos jovens na cidade de São Paulo: das baladas black aos pontos de encontro dos pichadores, dos circuitos de forró universitário aos (des)encontros entre *streetiros* e *b.boys*. Seguindo esses percursos é possível fazer a leitura das culturas juvenis que enriquecem a paisagem urbana. Magnani chega à conclusão de que o estudo desses espaços e circuitos re-significados pela presença dos grupos juvenis permite colocar sob outra ótica a tradicional distinção entre espaço público e espaço privado. A rua, espaço público por excelência, que para muitos se tornou lugar inóspito, do medo e da violência, é ainda espaço de convivência e circulação.

São os circuitos da agenda cultural da periferia, dos saraus de poesia, das rodas de samba, das exhibições de vídeos em terrenos baldios ou nos muros do comércio, que explicitam a pluralidade de situações vividas pelos jovens, os modos de produção cultural e ocupação da cidade, o fluxo e intercâmbio entre o local e o global, o aqui e ali, o centro e a periferia. Serão essas as “linhas de fuga” (como diz o filósofo Gilles Deleuze) do presente, onde a política é re-significada e reinventada?

Há jovens que tematizam suas questões reinventando o espaço público através da música, da dança, dos grafites e das pinturas, dos esportes radicais, nos fanzines, nas poesias, nos blogs, nos vídeos e na mídia alternativa, através das muitas e muito ricas manifestações culturais das quais são produtores. Espaços e formas que nos fazem lembrar uma colocação de Paul Gilroy, a propósito do espaço público criado

pela diáspora africana no espaço cultural do Atlântico Negro: “a história da diáspora africana desenvolve-se fora da órbita da política formal, valendo-se, fundamentalmente, da performance, da dança e da música como forma de sua constituição” (Gilroy, 2001).

Há também outros tipos de circuitos e trajetos: aqueles percorridos por jovens trabalhadores na difícil busca por um ‘emprego’, uma oportunidade no mercado de trabalho. Os percursos dos jovens motoqueiros, dos *office-boys*, dos que trabalham nas lojas dos moderníssimos *shopping centers*. Nesses trajetos eles transitam, circulam e ocupam, de passagem, mas não a passeio, os mundos dos “outros”, dos privilegiados e “incluídos”, os bairros nobres da cidade onde, às vezes, tecem laços de sociabilidade e, mais raramente, conseguem se inserir. No mínimo, como disse um dos jovens entrevistados por Vera Telles, eles podem ter a “visão das coisas que acontecem”.

O trabalho, nesse sentido, também abre possibilidades: “opera como um poderoso conector com outros territórios, ao mesmo tempo em que define outras referências de distâncias e proximidades, referências que também redefinem os sentidos e as direções de sentido da moradia e seu entorno” (Telles & Cabanes, 2006, p. 166).

O trabalho e a renda que ele gera são condições para grande parte desses jovens ocuparem o tempo livre com um mínimo de qualidade, freqüentar festas e shows. Até mesmo sair do próprio bairro e ter acesso ao que a cidade pode oferecer demanda um mínimo de condições financeiras. Assim como, paradoxalmente, a própria busca por trabalho exige dispor de recursos mínimos que nem sempre estão ao alcance dos jovens.

O desejo dos jovens de circular e se apropriar do espaço da cidade se manifestou de forma evidente nas reivindicações e mobilizações juvenis mais fortes dos últimos anos: a luta pelo passe livre. Essa bandeira, que reivindica o direito à cidade e de circulação por ela, mobilizou e, em alguns casos, “incendiou” cidades como Porto Alegre, Recife, São Paulo e Salvador.

O direito a circular livremente, a freqüentar os equipamentos públicos existentes na cidade, que permitem o acesso à cultura, ao esporte, ao conhecimento é um direito muitas vezes esquecido pelos programas (governamentais e não-governamentais) que se propõem a “fixar”, ou melhor, a “segregar” os jovens na “comunidade local”, com o argumento (ou melhor, a desculpa) de torná-los “agentes de transformação da comunidade local”.

Não queremos com isso dizer que o local, o bairro, não continue sendo um lugar significativo para muitos jovens; queremos dizer que esse local é poroso, entrelaçado pelos *circuitos* do consumo e dos mercados globalizados, aberto às *manchas* que os grupos juvenis inventam e reinventam, aos *trajetos* que viabilizam a inserção (precária e intermitente) na sociedade. Ou seja, o *pedaço* não limita as experiências juvenis e não é suficiente para entendê-las.

Percurso, deslocamento, mobilidade, são palavras chaves numa prática que está se espalhando pelas periferias do mundo, a prática do *Parkour*, ou seja, a “arte do deslocamento”. Nas impressionantes

manobras, saltos, acrobacias que os praticantes do *Parkour* (os chamados *traceurs*) realizam, há um componente forte de uso e apropriação do espaço urbano: as práticas são realizadas ao ar livre, utilizando os emaranhados de muros, escadarias, prédios existentes na arquitetura da cidade. Escreve Alex, praticante brasileiro: “o *Parkour* no meu ponto de vista é saber interagir com um ambiente de forma a se adaptar a percorrer os caminhos não óbvios, preferencialmente de uma maneira rápida e com controle.” E Jean: “no *Parkour*, você interage de diversas formas com o ambiente. Um treino de *vault* no muro, uma precisão no corrimão da escada, ou um pulo da sacada em um treino são formas interessantes de agir com o ambiente de uma forma que ele não foi projetado para tal (...). Você tem um objetivo, um propósito que é chegar do ponto A ao ponto B da forma mais rápida possível, utilizando nada mais que seu corpo e as habilidades oferecidas por ele como instrumento.” (www.blog.parkour.com.br).

Uma forma de resistência é também contornar os cercos da segregação na “comunidade” (Bauman, 2003) e no local, circular pela cidade e mais além, circular entre diferentes espaços e múltiplas identidades, não “vestir a camiseta”, mas assumir, para cada espaço e circunstância, diferentes identidades. Assim, um jovem *rappeiro* é, ao mesmo tempo, militante do movimento negro, cantor de *gospel*, trabalhador de ONG, multiplicador de economia solidária e consumidor dos últimos objetos eletrônicos e dos vestuários à moda. Outro jovem trabalha como assessor de uma deputada para pagar os seus estudos de marketing e publicidade, mas ao mesmo tempo milita numa rede juvenil regional, investe na criação de uma produtora independente de vídeos, faz estágio numa TV e defende a causa ambientalista. E, assim, se constroem percursos de socialização plurais, que permitem fugir dos rótulos, das caixinhas identitárias, do controle dos programas, das estatísticas e das classificações, da vida reduzida aos mínimos vitais, para construir formas de vida e produzir sentidos.

São jovens que não são ‘problemas’ nem ‘solução’, que vivem seu cotidiano e procuram um espaço, um tempo, uma forma, uma linguagem para expressar seus desejos, suas dores e alegrias, suas demandas e sentimentos, suas diferenças e diversidades, buscando ser ouvidos, ou simplesmente, ser visíveis. Que vivem e convivem com crianças, adultos, idosos e constroem com eles os sentidos de suas narrativas e trajetórias de vida. Que procuram espaços e tempos de autonomia, afirmação, resistência, entre os programas de controle e de ‘gestão da pobreza’ e a violência cotidiana com a qual convivem. Espaços e tempos da pluralidade de sujeitos, experiências e trajetórias de vida. Pluralidade que é, para Hannah Arendt, condição indispensável do agir político.

Helena Abramo (1997) foi uma das primeiras pesquisadoras a problematizar a adoção dos jovens de formas espetaculares de se colocar na cena pública; eles, na análise da autora, explicitam em suas roupas formas de ocupar a cidade e de comunicar, gestos corporais e modos de questionamento do *establishment* dando, assim, visibilidade às suas pautas, questões e bandeiras. A partir de então, uma série de pesquisadores tem se dedicado ao estudo de grupos cuja marca identitária ou a adoção de

determinados estilos também traz à tona conteúdos políticos e ideológicos partilhados pelos jovens. É o caso dos trabalhos centrados na observação e análise do comportamento de jovens vinculados à cultura hip hop (Herschmann, 1997).

A difusão das manifestações culturais de periferia⁵ tem ajudado na aproximação entre jovens de diferentes classes sociais. “Consciência, engajamento, rima, ritmo, força da palavra escrita e falada, atitude, intervenção e a convicção de que ‘posso fazer e constringer o sistema’ é o que marca a arte produzida nas periferias e por coletivos juvenis universitários de classe média que se articulam sob o lema da desmercantilização da cultura” (Leite, 2008). Leite cita ainda as idéias do movimento punk e do hip hop, como referências fundamentais das culturais juvenis que estão renovando a cena cultural: “Tenha consciência, ocupe as ruas, faça você mesmo”. Assim, “é preciso observar as microagregações para se ter uma idéia da diversidade e complexidade das formas de expressão da cultura feita por jovens. Mas os grupos se conectam em circuitos, às vezes, formando um contorno geográfico restrito a uma localidade, às vezes, sem apego a fronteiras. Ao se conectarem, formam grandes movimentos, abalam as estruturas e põem de ponta-cabeça os parâmetros estabelecidos, os cânones” (Leite, 2008). Não há dúvida que a difusão do acesso à internet, o uso do computador, têm revolucionado (e democratizado) de forma considerável a possibilidade de produção e difusão cultural dos jovens. A enorme difusão do uso de sites que permitem trocar e compartilhar arquivos de música e de vídeo e a criação de blogs onde são veiculadas produções literárias, poéticas e musicais são provas da grande criatividade cultural que caracteriza o universo juvenil. Com a difusão dos meios para compartilhar a produção audiovisual, surgiu também uma nova forma de produzir música, e também de romper as barreiras dos direitos autorais.

As práticas culturais, esportivas e os encontros são formas de viver, habitar, significar o espaço urbano: “Os jovens recebem espaços da cidade prontos e sobre eles elaboram territórios que passam a ser a extensão de seus próprios corpos: uma praça se transforma em campo de futebol ou roda de capoeira, sob um vão de viaduto se improvisa uma pista de skate ou um encontro musical; o corredor da escola - lugar originalmente de passagem - se faz ponto de encontro e sociabilidade, um muro sujo e abandonado se transforma em grafite e colore a cidade” (Carrano & Martins, 2007).

Podemos buscar os rastros do agir político dos jovens nas diferentes formas de expressão e comunicação, artísticas e culturais. Afirmo Alberto Melucci, comentando as formas de expressão das culturas juvenis: “Nessa palavra que não é palavra (...) tem a afirmação de uma palavra que não quer mais ficar separada das emoções, tem um dizer que quer se enraizar no ser mais do que no fazer. (...) A cultura juvenil lembra à sociedade o valor do presente como única medida da mudança, pede que o que importa se afirme aqui e agora, reivindica o direito à transitoriedade, à reversibilidade das escolhas, à

⁵ A ONG Ação Educativa publica todo mês em São Paulo um “Mapa Cultural da Periferia”, divulgando os eventos que acontecem nas periferias paulistas em quatro seções: literatura, rodas de samba, hip-hop e vídeos.

pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas.” (Melucci, 1982, p.86).

Cabe salientar que nessas manifestações culturais não existe uma separação entre jovens e não-jovens, ou seja, a relação geracional é uma característica importante. Jovens são a maioria dos participantes das rodas de samba, dos saraus de poesias, das produções e exibições visuais, mas não são a totalidade. Precisamos, portanto, repensar nossos esquemas interpretativos, reformular as questões.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena Wendel (1994), *Cenas juvenis: punk e darks no espetáculo urbano*, São Paulo : ed. Scritta.

BAUMAN, Zygmunt (1999), *Modernidade e Ambivalência*, Rio de Janeiro : Zahar.

BAUMAN, Zygmunt (2003), *Comunidade*, Rio de Janeiro : Zahar.

CAMARANO, M. A. (org.)(2006). *Transição para a vida adulta, ou vida adulta em transição?* Brasília: IPEA.

CARRANO, P., & MARTINS, C. H. (2007). Culturas e expressividades juvenis: uma janela para a escola. *Boletim Salto para o futuro* (24), MEC/TVE.

GILROY, Paul (2001), *O Atlântico Negro*, São Paulo : Editora 34.

HERSCHMAN, Micael (1997), *O funk e o hip hop*, Rio De Janeiro : Rocco

LA MENDOLA, S. (2005). O sentido do risco. *Tempo social : revista de sociologia da USP* , 17 (2).

LEITE, E. (janeiro de 2008). Faça você mesmo! www.diplo.uol.com.br .

MAGNANI, J. G., & SOUZA, B. M. (org.)(2007). *Jovens na metrópole : etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome.

MELUCCI, Alberto (1982), *L'invenzione del presente : movimenti sociali nelle società complesse*, Bologna: Il Mulino.

MELUCCI, A. (2000). *Palavras Chaves : per un nuovo lessico delle scienze sociali*. Roma: Carocci.

OLIVEIRA, Francisco de (2007), Política numa era de indeterminação : opacidade e reencantamento, in: OLIVEIRA, Francisco De e RIZEK, Cibele Saliba (org.), *A era da indeterminação*, São Paulo : Boitempo.

TELLES, V. & CABANES, R. (org.). (2006). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas.

TOMMASI, L. D. (2007). Jovens brasileiros, espaços e tempos de participação política. *Boletim Salto para o Futuro* (24).